

Redes locais de troca

No dia 5 de junho, aconteceu, no anfiteatro Pe. Werner, o Fórum Regional de Solidariedade, organizado pelo Setor 2 Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo do IHU.

Líderes políticos, comunitários, religiosos, professores de ensino básico e superior e representantes dos mais diversos organismos discutiram e compartilharam formas alternativas de superação da pobreza. Um dos destaques do evento foi a participação da Prof^a. Heloisa Primavera, bióloga e socióloga, coordenadora da Área de Gerência

Social do Mestrado em Administração Pública, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Buenos Aires. Brasileira, há 30 anos residindo na Argentina, Heloisa abordou o tema Grupos de trocas: uma das respostas sociais ante o desafio da pobreza.

Surgimento dos clubes de troca

No dia 1º de maio de 1995, um grupo de vizinhos, procurando alternativas econômicas de solidariedade, fundou,



em Bernal, Província de Buenos Aires, Argentina, um primeiro Clube de Trocas. Em pouco tempo, começou-se a gerar acesso a serviços de reparação de objetos do

lar, estendendo-se a viagens, serviços médicos, recreação, cuidado de crianças, etc. Na medida em que a troca começou a se expandir seus fundadores viram a necessidade de introduzir um "vale" ou "bônus" ou "crédito" para facilitar as operações entre vários membros. Hoje existe multiplicidade de desenhos locais, zonais e também nacionais.

Atualmente existem mais de 200 Nodos ou Clubes em toda Argentina, em 15 províncias, que são parte da Rede Global de Troca. Os sócios ativos se estimam em trinta mil. Este sistema se estendeu à Espanha, Uruguai, Brasil, Bolívia, Equador e Colômbia, além de assessorar, através de sua página web, países como Rússia e Finlândia, formando assim a Rede Global da Troca. O importante, no processo, segundo a Rede, é a adaptação às necessidades próprias de um determinado povo, respeitando as diferenças culturais e

utilizando-as como potencial para uma nova concepção de progresso e qualidade de vida.

No fim do evento, IHU On-Line conversou com Heloisa Primavera.

IHU On-Line- Qual é a sua avaliação sobre o Fórum Regional da Solidariedade que acaba de encerrar?

Heloisa Primavera- O recente Fórum Regional da Solidariedade foi um excelente evento, tanto pela sua organização e logística, como pelo que representou como frutífera oportunidade de compartilhar experiências, discutir avanços e mesmo teorias de base que dão sustento a essas iniciativas tão ricas que estão tendo lugar no Estado do RS. Realmente, fiquei impressionada com tudo: desde a calorosa recepção na primeira hora da manhã, por um conjunto de vozes muito jovens, com uma mensagem otimista, bem gaúcha e bem brasileira, que contrastam com a tradicional forma de começar um encontro deste tipo, em volta de uma mesa de inscrição... Até o coral da saída ocupou uma posição física privilegiada: foi a "saideira" de um dia de muito trabalho, que teve as pessoas em pé - quer dizer, em estado de alerta, em vez de confortáveis e passivamente instaladas em suas poltronas... Tudo foi cuidadosamente planejado, por isso felicito os organizadores, que se esmeraram tanto para o brilho do encontro.

IHU On-Line- Como foi seu envolvimento com o trabalho das redes de trocas?

Heloisa Primavera- Na verdade, comecei a me interessar pela potencialidade das redes lá por 1995, quando começamos a desenvolver um trabalho de Redes de Troca de Saber entre membros de uma comunidade. As pessoas se reuniam, "trocavam" seus saberes, e todos tinham de aprender alguma coisa e ensinar outra; não havia

valores no meio, só a troca de saberes. Quando conheci o clube de trocas, um ano mais tarde, achei que era importante a permanência no tempo que eles promoviam, porque, quando se troca comida, roupa, aulas de Inglês, é possível sustentar os grupos ativos por muito mais tempo. Da minha experiência de educadora popular, vinha, também, uma forma de organizar os grupos em que os jogos de poder se atenuam muito e levam o grupo a um estado de autogestão quase inevitável. Foi aí que o grupo fundador das trocas achou que podíamos fazer uma parceria e sair beneficiados ambos.

IHU On-Line- E você trouxe esses clubes para o Brasil?

Heloisa Primavera- A partir desse momento, montamos um sistema de treinamento que deu origem a um programa de alfabetização econômica. Então, devolvi ao Brasil a "cortesia" de ter levado daqui o sistema das trocas de saber, ensinando ao mesmo grupo de São Paulo a montar o 1º clube de trocas, que ainda existe e goza de boa saúde, sendo a primeira experiência brasileira, que funciona com sua moeda própria chamada "bônus". Depois veio o do Rio de Janeiro (tupi e mais tarde zumbi, são suas moedas), o Arco-íris, de Porto Alegre e mais recentemente o Guajuviras e o Ibiaviamon; o Ecosol, de Florianópolis; o Cristal, de Brasília; o Palmares, de Fortaleza; o Pinhão; de Curitiba; a Moeda, de Vitória da Conquista; BA; e quem sabe quantas mais... Sinto-me uma espécie de tataravô. Muito feliz. Sem contar com o fato de que os descendentes vão melhorando a espécie.

IHU On-Line- Qual é o papel que os clubes de troca estão desenvolvendo neste momento de crise na Argentina?

Heloisa Primavera- Os clubes existem há mais de sete anos e que, um ano antes da última crise, já havia quase um milhão de pessoas envolvidas nas redes

de troca em todo o país... Por isso não é de estranhar que, com a crise, tenham se multiplicado tanto: hoje se estima em mais de quatro milhões os argentinos que trocam "alguns produtos ou serviços" para sobreviver, só dentro dos clubes de troca, quer dizer, usando as moedas sociais... Se considerarmos, além disso, as operações de "trocas diretas" (uma cabra por dez casacos de couro, por exemplo) eles serão certamente muito mais numerosos.

Mas também é verdade que o sistema começou, há vários meses, a mostrar alguns desvios importantes. Como se fosse o mercado formal, apareceram os mesmos defeitos do sistema: um Banco Central inicial, que tentou monopolizar a "emissão", falsificações de moeda e, uma novidade, a "venda" de moeda como se a moeda fosse objeto de venda... Hoje podemos dizer, com tristeza, que, em vez de um sistema de treinamento efetivo, no qual as pessoas compreendessem o valor simbólico da moeda social, o que se difundiu foi o espelho torto "do capitalismo" - a mesma coisa, ainda pior.

IHU On-Line- De que maneira pode se corrigir ou evitar esses desvios nos clubes de troca?

Heloisa Primavera- Só é preciso voltar aos clubes pequenos, as moedas múltiplas e ao controle social pelo grupo, que tudo voltará ao lugar onde esteve antes... Errando, também se aprende. Mas isso deve ser também uma advertência para os que estão começando: a moeda só é social quando emitida, distribuída e controlada pelos próprios usuários, do contrário, é uma cópia piorada do sistema.

IHU On-Line- Quais as possíveis saídas para a crise na Argentina?

Heloisa Primavera- A Argentina precisa ressuscitar a solidariedade; primeiro entre os argentinos, sem a qual nada

mudará. Depois entre os países da América Latina, começando pelo Mercosul, ou seja, seu sócio principal: Brasil. Se isso não acontecer, a Argentina estará condenada à insolidariedade dos países ricos, tão bem instrumentada pelo Fundo Monetário e pelo Banco Mundial. Como é preciso começar ao mesmo tempo por vários pontos, nós, que confiamos na resposta da sociedade civil, estamos começando por articular uma campanha semelhante à do Betinho. A Ação da Cidadania pela Vida, contra a fome e o desemprego. Na verdade, em 1996, já tínhamos tentado esse caminho, mas a solidariedade não parecia ainda um caminho viável. Hoje é um dos poucos caminhos que vejo.



Ecos do evento

“Excelente! Foi um espaço onde nos encontramos pessoas com um mesmo ideal e uma mesma esperança.

É muito rico aproveitar as experiências dos outros grupos e descobrir coisas que podem ser aplicadas para resolver os problemas do próprio grupo. Os palestrantes foram muito bem escolhidos”.

Ana Lúcia Agostini. Pediatra e pneumologista da organização Sorriso de Canoas. (ONG que atende crianças de 0 a 12 anos com risco de internação hospitalar permanente).

“Eu achei bastante interessante o encontro. Estou fazendo meu Trabalho de Conclusão do Curso de Administração na FEEVALE sobre redes de cooperação. Acho que é bastante novo no Brasil o assunto da Economia Solidária e das redes de troca e vale a pena intercambiar experiências em encontros como este. Além disso, levo muitas idéias para aplicar no meu trabalho, na Reitoria Comunitária da FEEVALE.”

*Fabiano Kuchle
Estudante da FEEVALE*

Dia Mundial do Meio Ambiente



No dia 5 de junho foi celebrado o Dia Mundial do Meio Ambiente. Por este motivo, *IHU On-Line* entrevistou a Prof. Ms. Matilde Cechin Bio-Note, que acaba de participar no encontro preparatório de Rio+10. Professora e Educadora Popular, Bacharel e Licenciada em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do RS, Especialização em Língua e Literatura Francesa na Maison de France – Rio de Janeiro, Pós – graduação em Pedagogia Religiosa na Universidade de Strasbourg – França. Atualmente é Professora no Centro de Ciências Humanas da UNISINOS. Co-autora de Livros Didáticos “Educação Nova” ensino fundamental e médio (proibidos pela ditadura militar brasileira); *A Nova Mulher: A Mulher Comunidade* (Ed.Vozes). Participou do Fórum Global – paralelo a ECO 92 (ONU), Women’s International Network - Roma –1995 e Forum on Women - Beijing – 1995. Matilde é irmã de Antônio Cechin, coordenador da Pastoral Ecológica e ao final desta entrevista, ele falará sobre a o trabalho da Pastoral Ecológica e o aporte de José Lutzenberger.

IHU On-Line — Por que um Dia Mundial do Meio Ambiente?

Matilde Cechin — A questão ambiental é muito angustiante. A atual geração se defronta, pela primeira vez, com o desafio ecológico da sobrevivência da vida. Tal angústia, há duzentos anos já foi sentida por uma velha índia Cree, chamada Olhos de Fogo, numa verdadeira profecia antevira que, um dia, “a terra iria adoecer, os pássaros cairiam do céu...” Há mais de cem anos, foi a vez do Cacique Seattle, na famosa *Carta do Índio*, advertir sobre o incompreensível e destruidor modelo de civilização do “homem branco”, isto é, do homem ocidental, europeu... Ali, ele já enumerava todas as formas de poluição de que somos vítimas hoje e, também já apontava as soluções... E, finalmente, em 1970, como “sociedade civilizada”, foi dado o primeiro alerta, através do Clube de Roma, associação de prêmios nobéis, políticos, alguns executivos, convocados por um italiano, executivo de multinacionais como a Olivetti, que percorrendo vários países, se assustou com o que viu... Em 1972, saiu o famoso *Relatório do Clube de Roma* cujo fundador foi Aurélio Peccei que, nessa ocasião, já sexagenário - nascera em 1908 - fez o que o Fórum Social Mundial proclama: “uma nova consciência se a gente quiser”. Ele

organizou, com sua ética, um grupo preocupado com o futuro da humanidade, já dentro de uma perspectiva global. Em 1974, a revista *L'Exprés*, França, lançou um número especial, de 1 milhão de exemplares do relatório do Clube de Roma, com o desenho de uma maçã cortada ao meio, a semente bem visível, uma mão aberta segurando essa fruta, e uma grande frase em cima: *Vivre, Demain...* (Viver, amanhã...). As reticências por si falam de “suspensão” do pensamento, dando a entender, naquela foto, que o ser humano tinha em suas mãos, o potencial capaz de “suspender” a vida, simbolizada por aquela semente. E não deu outra, 40 anos depois... Hoje, escutam-se expressões como essa “semente suicida” ou “terminator” e nem sequer nos sentimos diante do horror!

O Dia Mundial do Meio Ambiente é a tentativa de acordar a consciência em prol da defesa da vida.

IHU On-Line — Qual está sendo o papel da Igreja Católica na criação dessa nova consciência ecológica?

Matilde Cechin — Já em 1978, a Campanha da Fraternidade da CNBB, tratava do tema com a idéia: *Preserve o que é de todos*. Os dados da realidade ali contidos já eram muito fortes. Trabalhamos vários semestres, nas aulas de Humanismo e Tecnologia com esse material. Era a fase final da ditadura. Para impedir a consciência popular sobre todos os assuntos que nos diziam respeito, foi implantado esse regime de força bruta. Com isso, as multinacionais fizeram aqui, com seu capital devastador, o que a consciência do povo dos países ricos impedia lá. Governadores-interventores dos Estados da Amazônia legal, com manchetes enormes nos jornais, chamando o grande capital: “Venham. Venham nos poluir!” Mas a CNBB naquela Campanha da Fraternidade já advertia para o perigo de “campanhas episódicas alienantes e apaziguadoras da consciência”. É um pouco o perigo dessas datas: assuntos tão sérios serem lembrados e celebrados somente um dia no ano...

IHU On-Line — Como foi o dia do Meio Ambiente neste segundo ano de novo milênio?

Matilde Cechin — Trágico! Um acinte! Justamente no dia do meio ambiente a nossa Assembléia Legislativa, aprovou, mediante lei, as queimadas, eufemisticamente chamadas “de limpeza”, e que estavam proibidas pela Constituição Estadual. Logo se vê que foi para beneficiar os latifundiários, donos dos grandes campos, no sul do Estado, pois a maioria é a essa classe de grandes proprietários que representa.. Soube-se disso porque houve um debate na TV e era uma mulher, a Kátia, da ONG “Amigos da Terra”, da qual sou associada, qual fêmea que teve sua cria ferida, defendendo a vida da terra com todas as suas energias...protestando, com muita tristeza, contra tal absurdo!

Também muito triste a notícia publicada no jornal *Folha de São Paulo*, do dia do meio ambiente, sobre a Austrália, país que lidera as exportações mundiais de carvão mineral. O premiê, bem nesse dia, declara que não irá ratificar o Protocolo de Kyoto, acordo internacional para reduzir as emissões de gases que causam o efeito estufa: “Para nós, ratificar custaria empregos e prejudicaria a economia”. Com isso fez eco aos mesmos argumentos usados em 2001, pelo presidente Bush para abandonar as negociações de Kioto, que buscavam o consenso entre nações para diminuir as emissões de gás carbônico, o principal gás-estufa, produzido pela queima de combustíveis fósseis.

Neste ano, muito mais motivos para uma Celebração de Sexta-Feira Santa do que de Domingo de Ressurreição!

IHU On-Line — E, como estão as mobilizações para a Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente, a Rio +10, a ser realizada neste ano?

Matilde Cechin— Dez anos depois da ECO 92, as expectativas em relação às possibilidades de contornar a grave crise ambiental, são de pessimismo, bem ao contrário do clima de otimismo de 1992. São palavras do Secretário do Meio Ambiente de Veneza, Paulo Cacciari, cidade onde estive, no mês de maio, na articulação de REDES feministas preparando esse evento: “O momento é de luto: o estado mundial do ambiente está fragilizado. Os problemas mais sérios dizem respeito à água, à desigualdade social, à pobreza, ao clima, à agressão às fontes da natureza não renováveis. É o momento de interrogar-se profundamente sobre as razões dessa situação e buscar as causas. Embora não tenham faltado boas práticas de Democracia Participativa, a Economia de Mercado Mundializado, não se deixou influenciar por elas...”

IHU On-Line — Em relação à consciência ecológica dos brasileiros, existe alguma pesquisa?

Matilde Cechin— Sim. É uma grande pesquisa nacional de opinião, realizada a cada 4 anos conjuntamente pelo Ministério do Meio Ambiente e pelo ISER (Instituto Superior de Estudos das Religiões), desde 1992. Tive a oportunidade de responder ao questionário numa das etapas, logo após 92. É ligada a AGENDA 21 e tenho o resultado de 1997, com 2 000 pessoas entrevistadas em todo o Brasil, através de pesquisadores vindos do centro do país. É uma edição bilíngüe.

Em 2 001 foi feita, com base nas pesquisas anteriores, uma avaliação da evolução da consciência ambiental no País. Foi acrescentada uma bateria especial de questões sobre o consumo sustentável, isto é, sobre como as questões ambientais e de saúde estão afetando a decisão de compra de produtos e do consumo de bens e serviços como energia e água. Um resumo dessa pesquisa encontra-se na Revista ECO 21, fevereiro 2 002 número 63 (www.eco21.com.br)

IHU On-Line — Por que uma Pastoral Ecológica?

Antônio Cechin — Uma questão tão abrangente, inteira, “holística tão “cathólica” ou “católica” como a ecologia não pode ser apenas confiada a cientistas e políticos, nem somente à literatura romântica na qual a natureza é cantada no Ocidente. Por ser questão de todos, seria de estranhar que não houvesse uma contribuição religiosa, ecumênica, teológica, mas sobretudo pastoral – um cuidado religioso do meio ambiente, um “profetismo ecológico” na formação das consciências e da sensibilidade, uma cultura ecológica ligada à fé e à mística. Seria insuportável pensar que exatamente quem cuida das coisas de Deus e das coisas fundamentais da vida humana não tivesse cuidado para com a casa dos filhos de Deus e a criação do “amante da vida” (Sb 11, 25). E seria vergonhoso, quando os “sinais dos tempos” convocam multidões de iniciativas e de pessoas, que acorrem com sensibilidade e entusiasmo para as bandeiras ecológicas, provenientes de todos os segmentos da sociedade, exatamente a Igreja, que em outros tempos levantou as bandeiras das pastorais sociais e ganhou respeito na sociedade, ficasse hesitante.

IHU On-Line — Acha que Lutzenberg deu um passo importante na questão ecológica?

Antônio Cechin — José Lutzenberger foi Profeta da Ecologia em sentido pleno. Pioneiro a levantar, entre nós, um grito de denúncia a respeito da doença do planeta Terra. Não se limitou a denunciar com voz tonitruante. Arregaçou as mangas e não teve mãos a medir no sentido de agir em todas as frentes, abrindo pistas para a preservação do meio ambiente, e para a recuperação de ambientes deteriorados. Soube como ninguém deixar-se seduzir pelas maravilhas da natureza. Sentença típica da ternura do profeta maior da ecologia entre nós, quando ministro do Governo Collor, é a que proferiu em relação aos papeleiros: “Um só catador faz mais pelo meio-ambiente, no Brasil, do que o próprio ministro do meio-ambiente!”

Políticas e práticas Sociais para a juventude

Segundo os dados do último censo do IBGE, existem no Brasil 33, 5 milhões de jovens, com idade de 15-23 anos. Que representações, políticas e práticas sociais temos para essa população? Como trabalhar esse tema, categoria ou área na produção de conhecimento? Essas questões motivaram a palestra e o debate, do dia 05 dia de junho, com a Prof^a Dra. Marília Pontes Sposito.

Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da USP, Marília afirmou que pensar a juventude implica problematizar a noção de juventude e as representações que dela se faz, que diferentes imagens da juventude (trabalho, drogas, violência, gravidez...) tentam abarcar o tema, a categoria ou área, porém acabam escondendo os sujeitos. Além disso, as políticas públicas para a juventude nascem mais por iniciativa dos municípios que por parte do Governo Federal e que elas ainda precisam superar vários desafios: são construídas a partir de problemas (violência, gravidez...), os jovens são pensados como clientes e não como sujeitos, são vistas em termos de corretivo de desvio. Com isso, elas são pensadas para a vida futura e não para assegurar o viver aqui e agora, a partir de sujeitos integrais e das suas demandas.

A seguir uma entrevista com a professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da USP e coordenadora da ONG Ação Educativa - www.acaoeducativa.org

IHU On-Line — Quais as ambigüidades da categoria juventude?

Marília Sposito — São várias as questões presentes na definição de juventude. De um lado, porque as várias sociedades constroem sentidos diversos para as fases do ciclo de vida. Por outro lado, a sociedade brasileira vive de forma diversa essa condição juvenil da modernidade: classes sociais, etnia, gênero, localizações (mundo rural/urbano). São dimensões essenciais para se compreender a condição juvenil para não criarmos uma categoria abstrata e torná-la apenas uma palavra como diria o sociólogo Pierre Bourdieu.

IHU On-Line — Juventude é um tema consolidado na área de Educação?

Marília Sposito — Eu diria que é um tema recentemente descoberto pela educação, que tenta retomar a fértil trilha de estudos aberta por Marialice Foracchi. Penso que se trata mais de uma produção emergente do que de uma área de pesquisa já consolidada.

IHU On-Line — Em que aspectos a juventude propõe alternativas ao mundo relacionado à família, trabalho e escola?

Marília Sposito — O modo de estar e ser no mundo é extremamente diverso no interior da condição juvenil. É evidente que, para além das agências tradicionais da socialização, os jovens se agregam em grupos, desenvolvem redes de sociabilidade e formas de participação na vida pública, tanto no mundo urbano como rural. As formas de expressão cultural, artística e de lazer têm atraído os jovens, mas nem sempre alcançam grande visibilidade como as práticas políticas e estudantis ou religiosas que já constituem um universo mais conhecido de presença juvenil.

IHU On-Line — Num contexto de crise da sociedade assalariada, crise do mundo do trabalho, crise do Estado e com um encolhimento/privatização da esfera pública, é possível falar de políticas públicas?

Marília Sposito — Sim, sobretudo porque se trata de concepções em torno do alargamento da noção de direitos, portanto da cidadania, e porque se trata de um novo campo de conflitos que organiza a sociedade civil e seus atores na relação com o estado.

IHU On-Line — Quais podem ser critérios norteadores dessas políticas?

Marília Sposito — As políticas podem ser pensadas sob a ótica estrita do controle social, da prevenção da criminalidade ou derivar para mecanismos de assistência e ações compensatórias. Sob o meu ponto de vista, se quisermos consolidar a democracia, elas devem estar ancoradas em uma concepção de direitos e de construção de sujeitos com capacidade de ação autônoma na vida social. Por essas razões, as formas de diálogo e presença dos jovens na elaboração/implementação/avaliação dessas políticas seriam os melhores indicadores de sua virtualidade democrática e emancipatória.



Ecos do evento

“Foi um momento muito rico, pela experiência, bagagem e capacidade de articulação de questões teóricas com a experiência do trabalho da Prof^a Marília Sposito. O tema *Juventude* envolve toda uma gama de complexidades. Igualmente, a diversidade do grupo, com alunos da especialização, mestrandos, doutorandos e professores, dos diferentes

Centros, sinalizam essa riqueza. Experiências como essa mostram a vitalidade de uma vida universitária”.

Flávia Werle – Prof^a Dra. do PPG de Educação

“Na minha opinião, damos outro passo no sentido de constituir uma rede de pesquisa na temática *Juventude*. É um tema complexo do qual um campo do conhecimento ou o formato de pesquisas individuais não dá conta. A transdisciplinariedade apresenta-se como necessária na cultura universitária. Neste sentido, iniciativas como essa do Instituto Humanitas Unisinos são promissoras e estão adiantadas em relação a outras áreas temáticas. Dá força ao corpo docente de Especialização em Juventude, que é uma iniciativa de trabalho conjunto e instrumentaliza melhor os que trabalham com jovens, tanto no Brasil quanto nos países vizinhos”.

Carmem Oliveira – Prof^a Dr^a em Psicologia Clínica e Professora do Centro dois.

UNISINOS e UERGS- parceria no Simpósio Nacional

Em viagem a Berlim, Alemanha, o Prof. Derli Schmidt, do Setor 2 do IHU e Pró-Reitor de Ensino da UERGS, confirmou a participação da Fundação Rosa Luxemburgo no *Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade. Por uma ética na Economia e na Política do Brasil*. Foi entre os dias 13 e 25 de maio e, além da capital alemã, sua viagem teve escalas em diversos países de Europa. A primeira escala foi Berlim, a Fundação Rosa Luxemburgo, além de confirmar sua presença no Simpósio, assinou um convênio com a UERGS para auxiliar em pesquisas durante três anos com U\$S100 mil por ano. Além disso, a Fundação financiará a especialização em Gestão Pública e Participativa para dois alunos da UERGS em Berlim, que farão seu trabalho de conclusão em Porto Alegre e naquela cidade alemã. Na ocasião, o Prof. Derli consolidou, também, um projeto de pesquisa sobre a Escola Cidadã de Porto Alegre e a participação da Fundação Rosa Luxemburgo. Depois, ele visitou a Universidade de Siegen, também na Alemanha, onde firmou um acordo, segundo o qual seis alunos da UERGS por ano estagiarão naquela Universidade. Foi estabelecida uma parceria com esta Universidade para a organização de dois work shops: um em Pedagogia Social, em outubro, na Alemanha, e outro em Recursos Hídricos.

Para isto, um grupo de professores da Universidade de Siegen virá conhecer o Rio dos Sinos com o objetivo de auxiliar com recursos econômicos um projeto, estruturado em parceria UERGS-UNISINOS, para recuperar este importante rio de nossa região.

A terceira parada aconteceu na Universidade Roma 3 com a qual foi acertado um curso de Economia e Ecologia para estudar a criação de fontes alternativas de energia, que se realizará no final de julho. A Roma 3 e a 'Lega' das Cooperativas entrarão no convênio. A primeira, cedendo três doutores que ministrarão o curso, e a segunda, financiando os custos do mesmo. A UERGS sediará o curso. Além disso, também ficou ajustada a doação de bolsas de estudo para alunos e professores.

Livros & Artigos

ARTIGO DA SEMANA

LES VILLES COURENT APRÈS LEURS TEMPS

A revista mensal francesa *Alternatives Économiques* n°. 204, junho de 2002, p. 37-46, publica o dossiê intitulado *Les Villes courent après leurs temps*.". Segundo a revista, "já que elas concentram as populações no espaço, as cidades são também **nós do emprego do tempo**. Gerir do melhor modo possível esta **complexidade** temporal, é o desafio da política dos **tempos da cidade**. Esta política nasceu, há uma década, na Itália, e vai se implantando, hoje, em vários países". O dossiê se divide em três partes assim intituladas: *Le temps*,

nouvelle frontière; Un chef d'orchestre pour la ville à mille temps; Petit tour d'Europe des temps.

A primeira parte analisa a crescente diversificação dos horários de trabalho que modifica progressivamente a organização social e os ritmos urbanos, com o risco de desenvolver as desigualdades. Um destaque especial é dado ao significado do trabalho das mulheres.

A segunda parte relata as experiências em curso em algumas cidades francesas onde se busca dar conta das disfunções dos ritmos da vida urbana por meio da sensibilização dos diferentes atores e da busca da convergência dos diferentes serviços urbanos. A idéia central é que, cada vez mais, o tempo se impõe como o parâmetro decisivo na busca da regeneração urbana. Ou seja, não há espaço público sem um tempo comum.

Sistemas de Trocas Locais

Na terceira parte, são analisadas as experiências, em primeiro lugar, da Itália, precursora no sentido de fazer do valor do tempo uma unidade de conta na troca dos serviços entre os habitantes. Segundo Sandra Bonfiglioli, considerada a 'papisa' dos tempos da cidade, "trata-se cada vez mais de passar de uma política dos horários para uma verdadeira política dos tempos, especialmente dos tempos da mulher". Os Sistemas de Trocas Locais são analisados como experiências típicas em expansão. Nos Sistemas de Trocas Locais, cada pessoa que adere, oferece bens ou serviços e os troca na base da contabilização de uma moeda própria do Sistema, sem possibilidade de entesouramento. Esta obrigação de circular faz com que cada um seja, ao mesmo tempo, alguém que oferece e compra, eliminando, assim, os riscos das desigualdades. A presença entre nós, no Fórum da Solidariedade, de Heloísa Primavera, lembra esta experiência cada vez mais importante na América Latina. Enfim, trata-se de um dossiê, com ampla bibliografia, que merece ser lido e analisado, especialmente pelos/as colegas do Setor 2 do IHU, Economia Solidária, Trabalho e Cooperativismo.

ENTREVISTA DA SEMANA

LEBEN IM EMPIRE

Com o título *Leben im Empire*, o semanário alemão *Freitag. Die Ost-West-Wochenzeitung*, em 10-5-02, publicou uma entrevista com Michael Hardt, autor, juntamente com Antonio Negri, do livro *Império.*, Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2001. Michael Hardt leciona literatura na Carolina do Norte (EUA). Os colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, com sede em Curitiba, traduziram, na íntegra, a entrevista que, abaixo, transcrevemos.

Freitag: O senhor é cientista da literatura. Que mudança sofreu sua visão da literatura por ter escrito o *Império*?

Michael Hardt: Não tenho certeza se minha visão da literatura foi mudada. Porém, o que está certo é que nos dias de hoje não se pode estudar economia sem estudar a cultura, e não se pode estudar a cultura sem a economia. O mesmo vale para a política e as relações interétnicas. Já não se pode estudar a literatura sem outras formas sociais.

Freitag: Onde se localiza atualmente, segundo sua opinião, o fulcro decisivo da análise social?

Michael Hardt: No começo, está a simples constatação de que está desaparecendo a soberania política dos Estados nacionais. Contudo, isso não significa que o poder político está em decadência, ele apenas se desloca. Afinal, é a partir disso que Negri e eu também desenvolvemos a tese central de nosso livro, segundo o qual o Império é uma nova forma de poder político, o poder soberano na era da globalização da produção e circulação capitalista. A escolha do conceito se justifica historicamente. Fala-se de Império na história das idéias políticas, quando ocorre uma constituição mesclada.

O primeiro exemplo foi o Império Romano. Vários centros de poder são conectados. É possível identificar uma espécie de poder monárquico na atual maneira de conduzir guerras, por exemplo, o poder aristocrático em diversas instituições articuladas à semelhança de redes como o Banco Mundial ou a Organização Mundial do Comércio, e o poder democrático em diversas organizações não-governamentais. Portanto, o poder está no bojo de uma rede de constituições mescladas. Com o termo Império estamos tentando falar de forma apropriada sobre a globalização. Ela não se opõe – como se afirma com frequência – ao poder dos Estados nacionais. Tão somente desloca o poder dos Estados nacionais. O Império não conhece limites – nem de espaço, nem de tempo, nem sociais. Por isso adotamos de Foucault o conceito do poder biótico.

Freitag: Porventura essa é apenas a mais nova variante de antigas teorias do imperialismo?

Michael Hardt: Nosso objetivo é justamente criticar o conceito “imperialismo”. O imperialismo sempre pressupõe Estados nacionais, que se lançam em busca do poder mundial. No Império, isso não acontece mais – existe um poder soberano, organizado em forma de rede.

Por que ‘multitude’ e não mais povo?

Freitag: Por que os senhores utilizam o curioso termo ‘multitude’ (multidão)?

Michael Hardt: Se, por um lado, falamos do novo poder soberano do Império, existe, por outro lado, o movimento igualmente global da multidão (‘multitude’). Outros conceitos não cabem mais: O povo, por exemplo, está associado ao Estado nacional, e a classe operária se alicerça sobre uma tradição que estreita o conceito – sobretudo para operários da indústria. Não abarca nem a diversidade das formas de trabalho determinadas pelo capital, nem a dos movimentos sociais. Empregamos o termo multidão (‘multitude’) para identificar a pluralidade de sujeitos sem identidade comum. Isso é algo que todos os novos movimentos têm em comum – indiferente de atuarem em Seattle, em Gênova ou em Porto Alegre. Não reconhecem o inimigo comum em um Estado nacional – por exemplo, os EUA –, mas sim no novo poder global.

O espetáculo como poder

Freitag: Como se enquadra, então, “o espetáculo”, outro conceito central da análise dos senhores?

Michael Hardt: Nesse ponto, apenas estamos reconstruindo a teoria de Guy Debord, porque as sociedades capitalistas se tornam cada vez mais espetaculares, ou seja, elas adotam as regras ditadas cada vez mais pelo *espetáculo*. Televisão e filmes como produções de imagem não apenas são entretenimento e atração. Estas produções também constituem formas de poder. O espetáculo é um mecanismo central do poder. Por isso é tão difícil separar economia e cultura.

A guerra é constitutiva do Império

Freitag: Como os senhores entendem nesse contexto a atual “guerra ao terror”?

Michael Hardt: Há uma guerra, porém não uma guerra entre Estados nacionais concorrentes, mas no âmago do poder soberano do Império. Pode-se falar de uma nova

forma de guerra civil. Primeiro, no Golfo Pérsico; depois, no Kosovo ou na Colômbia; agora, no Afeganistão. O 11 de setembro de 2001 mudou menos do que hoje se supõe, mas ele nos obriga a reconhecer o estado de guerra permanente. Para a política de emancipação, a decorrência é que a guerra civil não é mais concebível como forma de revolução. A fórmula de Lênin, de transformar a guerra imperialista na guerra civil revolucionária, hoje ficou obsoleta. As novas guerras civis já não são dissolventes, mas constitutivas para o Império. Borraram a distinção entre ação policial e ação militar. Também em Gênova se reagiu imediatamente com meios militares ao movimento político. Com frequência se conduzem hoje guerras contra inimigos abstratos: a guerra contra o terror e a guerra contra as drogas. São feitas guerras contra redes – a rede Al Qaeda, o cartel das drogas. Guerras em que uma rede combate outra, porém, não podem ser encerradas: Não existe nenhum ponto em que se possa dizer que o inimigo foi definitivamente derrotado. Visto sob o ângulo da teoria do imperialismo, estão em jogo, na atual política dos EUA, interesses nacionais de alcance mundial, por exemplo, o petróleo. A afirmação de que se trata de direitos humanos pode ser entendida, nessa perspectiva, como mistificação. Penso, porém, que ambas as posições possuem um teor de verdade. A resposta tradicional subestima o potencial libertador das atuais estruturas em rede. Redes podem ter uma organização hierárquica, porém não necessariamente.

Surgimento de um novo direito global

Freitag: Como o senhor vê o processo contra Slobodan Milosevic nos parâmetros de sua teoria?

Michael Hardt: O processo contra ele revela como se está construindo um novo direito global. Por um lado, é um exemplo positivo, seu regime era repressivo e corrupto. Por outro lado, ocorre uma seletividade do direito e da aplicação dos direitos humanos. Basta recordar os três: Milosevic, Pinochet, Kissinger. Todos os três incorreram em crimes contra os direitos humanos. Morreram mais seres humanos por causa das ações tomadas por Kissinger do que por causa das tomadas pelos outros dois. Não obstante, é improvável que Kissinger seja levado a Haia perante o tribunal como Milosevic. A força do poder nacional determina a aplicação do direito internacional.

O que é a democracia na nova ordem mundial?

Freitag: Que é preciso fazer para impor mundialmente os direitos humanos?

Michael Hardt: Não temos resposta para o que significa democracia na era da globalização. É difícil inventar outra vez a democracia em tempos de guerra civil permanente. A crise da representação democrática é flagrante: não é possível alcançar, nas instituições, uma correlação proporcional à população mundial. Não sabemos responder à pergunta *Que fazer?* Até Karl Marx precisou da experiência da comuna de Paris para poder pensar adiante.

LIVRO DA SEMANA

EM BUSCA DE NOVO MODELO. REFLEXÕES SOBRE A CRISE CONTEMPORÂNEA

Celso Furtado, *Em busca de novo modelo. Reflexões sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Quem é Celso Furtado?

Celso Furtado é conhecido no mundo como um dos principais economistas e pensadores sociais da América Latina. Nasceu na Paraíba, em 1920, doutor em economia pela Universidade de Paris, em 1948. De 1958 a 1959 foi diretor do BNDES, onde concebeu e criou a SUDENE. Foi Ministro do Planejamento de João Goulart. Tendo os direitos políticos cassados, foi professor na Universidade de Yale e, posteriormente, nas Universidades de Cambridge e Paris, até 1985. Voltando ao Brasil, foi embaixador na CEE, em Bruxelas, de 1985-1986 e Ministro da Cultura de 1986 a 1990. Atualmente, é membro da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO. Entre muitos livros, ele é autor dos clássicos *Formação Econômica do Brasil*, 1959 e *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, 1961, que foram traduzidos para sete idiomas.

Celso Furtado vem há muitos anos se dedicando ao estudo da formação da civilização industrial, que é vista como resultante da convergência de dois processos históricos: a revolução burguesa e a revolução tecnológica. A originalidade de sua obra de pensador foi ter percebido que, em determinadas situações históricas, o avanço da acumulação capitalista apresenta deformações que engendram crescente heterogeneidade social. Assim, a revolução industrial criou simultaneamente algumas estruturas sociais de homogeneidade crescente, e outras em que a polarização social riqueza/pobreza se impôs imperativamente.

Partindo da evidência de que, durante o século que compreende a segunda metade do XIX e a primeira do XX, o Brasil foi certamente uma das economias que mais cresceram, Celso Furtado constata que seu povo, no entanto, muito pouco se beneficiou desse crescimento, cujos frutos foram absorvidos pela minoria da população, empenhada em reproduzir as formas de vida dos países ricos. Assim, o aumento da renda, que deveria ser orientado para as atividades reprodutivas, foi absorvido pela modernização dos padrões de vida de uma minoria privilegiada. O país não se desenvolveu, apenas se modernizou. Neste seu novo livro, uma súpula das idéias centrais de sua obra teórica, Celso Furtado retoma a análise do processo histórico do subdesenvolvimento, cujo traço essencial – a concentração de renda – é cada vez mais visível em nosso país.

Em Busca de um Novo Modelo

A seguir, reproduzimos a apresentação do livro redigida pelo próprio Celso Furtado em Paris, fevereiro de 2002.

“Os ensaios reunidos neste pequeno volume refletem o estado de espírito de muitos estudiosos da realidade econômica atual. A exemplo do “herói sem qualidades” de Musil, já não logramos distinguir o que anda para frente e o que anda para trás, como se o mundo estivesse sendo comandado, cada vez mais, por forças cuja compreensão nos escapa. Certeza temos apenas de que os acontecimentos se atropelam uns aos outros, e as dimensões do mundo se estreitam, ao mesmo tempo que se desvanece a visão prospectiva da história de que os economistas tanto se envaideciam. Já não podemos nos refugiar no espaço provinciano que nos abrigava no passado. Que papel nos caberá como nação no mundo de contornos indefinidos que emerge? Não é fácil responder a questões como essa. Mas é importante abrir o debate e sabermos nos defender dos falsos “consensos” que nos impingem as metrópoles imperiais.

As idéias contidas nestes ensaios foram submetidas a debate crítico em diversos círculos universitários, mas estão aqui apresentadas em sua forma definitiva.

Nada choca tanto o observador da economia brasileira como a contradição entre o formidável potencial de recursos do país e o baixo nível de desenvolvimento alcançado por este até o presente. O Brasil é um mundo totalmente criado pela expansão do

capitalismo industrial; não é herdeiro de nenhuma velha civilização como o são outras grandes nações hoje denominadas subdesenvolvidas.

Duas Tendências estruturais

Simplificando o quadro histórico brasileiro, singularizo duas tendências estruturais: 1) a propensão ao endividamento externo; e 2) a propensão à concentração social da renda. Para explicar essa dinâmica perversa, nada me parece tão decisivo como o comportamento das elites tradicionais, que imitam os padrões de consumo dos países de elevado nível de desenvolvimento. Explicam-se assim a tendência à concentração de renda e a forte propensão a importar. Daí um duplo desequilíbrio, sendo que o primeiro se manifesta como deficiência de capacidade para importar, e o segundo, como insuficiência de poupança interna.

A ação do Estado tem sido essencial para a promoção do desenvolvimento. Este só se efetivou no Brasil como fruto de uma vontade política. Os mercados desempenharam sempre um papel coadjuvante.

Olhando para frente, os dois pontos fundamentais a serem enfrentados por um próximo governo são: 1) como elevar a taxa de poupança interna?; e 2) como reduzir a propensão a importar dos grupos de alto nível de vida? Assim, se pretendermos recuperar o dinamismo que conhecemos no passado, o país terá de retornar ao controle de câmbio e ao planejamento indicativo dos investimentos básicos.

Os nove grandes temas

Destaquemos alguns temas que estão a exigir atenção:

1. A aceitação de riscos tende a ser apresentada como principal fonte de legitimação do poder econômico.

2. O processo de globalização torna inevitável o avanço da concentração do poder em mãos de poucos.

3. A evolução das estruturas de poder no capitalismo avançado escapa aos esquemas teóricos que herdamos do passado.

4. Durante muito tempo, a sociedade civil, particularmente ali onde floresceram as organizações sindicais, desempenhou o papel de contrapeso do poder do capital, o qual foi se metamorfoseando em poder financeiro.

5. Esse processo evolutivo, baseado num equilíbrio de forças, levou a modificações importantes na distribuição da renda social, sem contudo afetar, de forma significativa, o conteúdo das estruturas produtivas.

6. Foi de grande importância o papel desempenhado pelo Estado nacional na configuração das sociedades capitalistas modernas. Esse processo evolutivo abriu espaço para a concentração do poder econômico e para a emergência das estruturas transnacionais.

7. As estruturas transnacionais debilitam progressivamente os Estados nacionais, suporte das forças que operam no sentido de reduzir as desigualdades sociais.

8. Prevalece a doutrina de que a estrutura social é legitimada pela aceitação de riscos.

9. Presenciamos um processo de concentração de renda e poder sob o comando de grandes empresas desligadas de compromissos com a sociedade civil.

O agravamento das tensões sociais leva a pensar que pode estar se preparando uma crise de grandes dimensões, cuja natureza nos escapa. Ainda não sabemos como enfrentá-la.

Que Futuro nos aguarda?

No capítulo 2, intitulado *Que futuro nos aguarda?*, Celso Furtado conclui:

“Se admitimos que nosso objetivo estratégico é conciliar uma taxa de crescimento econômico elevada com absorção do desemprego e desconcentração da renda, temos de reconhecer que a orientação dos investimentos não pode subordinar-se à racionalidade das empresas transnacionais. Devemos partir do conceito de rentabilidade social a fim de que sejam levados em conta os valores substantivos que exprimem os interesses da coletividade em seu conjunto. Somente uma sociedade apoiada numa economia desenvolvida, com elevado grau de homogeneidade social, pode confiar na racionalidade dos mercados para orientar seus investimentos estratégicos. Essa discrepância entre racionalidade dos mercados e interesse social tende a agravar-se com a globalização. No caso da indústria automotora, o problema parece simples, pois as empresas são de capital estrangeiro, e o avanço tecnológico significa aumento dos custos em divisas. Mas, tratando-se de empresas nacionais, o mesmo fenômeno pode-se apresentar, pois a tecnologia mais avançada também se traduz em aumento de custos em divisas com crescente pressão na balança de pagamentos. Contudo, não é esse o problema principal, e sim o impacto negativo no plano social. A tecnologia tradicional que seguiu a linha do fordismo tendeu a ser substituída pela organização em equipes, em busca de *flexibilidade*, e isso reduziu a capacidade dos assalariados de organizarem-se em poder sindical. Esse problema se apresenta de forma aguda no capitalismo mais desenvolvido, a começar pelos Estados Unidos, e está na raiz da tendência generalizada à concentração da renda.

Alcançamos, assim, o âmago do problema decorrente do avanço tecnológico. A orientação assumida por este traduz a necessidade de diversificar o consumo dos países de elevado nível de vida. As inovações nas técnicas de *marketing* passaram a ter importância crescente. A sofisticação dos padrões de consumo dos países ricos tende a comandar a evolução tecnológica. Só assim se explica o desperdício frenético de bens descartados como obsoletos e as brutais agressões na fronteira ecológica.

Como vimos, a evolução das técnicas do sistema capitalista é imprevisível. O dinamismo desse sistema é compulsivo e leva a fases recorrentes de tensões de resultados imprevisíveis. Grandes destruições causadas por guerras abriram o caminho a fases de extraordinária prosperidade. É dentro desse quadro de incertezas que devemos indagar em que direção caminhará nosso país. Se adotarmos a tese de que a globalização constitui um *imperativo tecnológico* inescapável, que levará todas as economias a um processo de unificação de decisões estratégicas, teremos de admitir que é reduzido o espaço de manobra que nos resta. O Brasil é um país marcado por profundas disparidades sociais superpostas a desigualdades regionais de níveis de desenvolvimento, portanto frágil em um mundo dominado por empresas transnacionais que tiram partido dessas desigualdades.

A globalização opera em benefício dos que comandam a vanguarda tecnológica e exploram os desníveis de desenvolvimento entre países. Isso nos leva a concluir que países com grande potencial de recursos naturais e acentuadas disparidades sociais – caso do Brasil – são os que mais sofrerão com a globalização. Isso porque poderão desagregar-se ou deslizar para regimes autoritários como resposta às tensões sociais crescentes. Para escapar a essa disjunção temos que voltar à idéia de projeto nacional, recuperando para o mercado interno o centro dinâmico da economia. A maior dificuldade está em reverter o processo de concentração de renda, o que somente será feito mediante uma grande mobilização social.

Temos de preparar a nova geração para enfrentar grandes desafios pois se trata, por um lado, de preservar a herança histórica da unidade nacional, por outro, de continuar a construção de uma sociedade democrática aberta às relações externas. Como as possibilidades de crescimento do mercado interno são grandes, há espaço para uma colaboração positiva da tecnologia controlada por grupos estrangeiros. Numa palavra, podemos afirmar que o Brasil só sobreviverá como nação se se transformar numa

sociedade mais justa e preservar sua independência política. Assim, o sonho de construir um país capaz de influir no destino da humanidade não se terá desvanecido”.

Frases da Semana

Brasil e a Alca: o Jogo Mudou!

“O que faria o prezado leitor se, a cinco minutos do fim do 1º tempo, em jogo que está perdendo, contra time dez vezes mais poderoso, o adversário lhe dissesse que decidira unilateralmente alterar as regras a fim de proibir as jogadas em que você leva vantagem? Protestaria e continuaria a jogar como se nada tivesse acontecido ou concluiria que teria de reconsiderar tudo, uma vez que o jogo já não é o mesmo?

É essa, sem exageros, a situação com que nos defrontamos na Alca, após a sequência das salvaguardas americanas contra o aço, a nova lei agrícola e as condicionalidades da TPA (Trade Promotion Authority)” - Rubens Ricupero, secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e ex-ministro da Fazenda (governo Itamar Franco), no artigo “Mudou o jogo” publicado na **Folha de São Paulo** 9-6-02.

Coca-Cola: religião, futebol e pátria!

“É isso aí: a publicidade se apropria das cores da bandeira nacional, do Rei do futebol e do "Pai Nosso" para construir o valor da marca que, não por acaso, nada tem de nacional, nem de esportiva e muito menos de católica. É isso aí: eu sinto nojo” – Eugênio Bucci, explicando a causa do nojo que lhe causa a campanha da Coca-Cola em prol do Brasil na Copa do Mundo – **Folha de São Paulo** 9-6-02.

“O imperativo "Beba Coca-Cola" entra assim nos desvãos da fé religiosa, do patriotismo, da devoção a um rei, nem que seja um rei do futebol. E cria seu valor. Como se fôssemos todos idiotas, todos inimputáveis, todos obedientes bebedores de Coca-Cola. É assim e, no entanto, funciona” – id.

George Soros: os brasileiros não votam!

“Na Roma antiga, só votavam os romanos. No capitalismo global moderno, só votam os americanos, os brasileiros não votam” - George Soros, em entrevista à **Folha de São Paulo**, 8-6-02, dizendo que o mercado financeiro escolheu José Serra como presidente do Brasil. George Soros, naturalizado norte-americano, nasceu na Hungria em 1930. É dono de um dos maiores fundos de investimento do mundo, o Soros Fund Management. Armínio Fraga, atual presidente do Banco Central, já trabalhou para George Soros. Entre 1993 e 1999, em Nova York, Armínio administrou parte do fundo Quantum, de Soros.

A Fome no Mundo

“A cada quatro segundos, morre uma pessoa no mundo, de fome. Bastariam, segundo A FAO, 24 bilhões de dólares, menos de 7% do orçamento anua do Pentágono, para reduzir para a metade o número dos famintos até 2015” – notícia do jornal mexicano **La Jornada** 9-6-02.

Fome na Argentina

“O cavalo é mais gostoso que o sapo. A fome golpeia a poucos quilômetros da Casa Rosada: num bairro de Quilmes, as crianças assam ratos, gatos e sapos e os pais matam

cavalos doentes, sua ferramenta de trabalho, para dar de comer aos filhos” – manchete principal do jornal argentino **Página 12**, 6-6-02.

Brasil: saídas para a fome. Sair da armadilha da economia

ISTOÉ – O que fazer com as famílias pobres com filhos até cinco anos?

Cristovam Buarque– A direita propõe o crescimento econômico para aumentar a renda e possibilitar o pagamento das creches particulares. A esquerda quer garantir creches para todas as crianças até cinco anos. As duas são fantasiosas. Para essas crianças seriam necessárias entre 30 mil e 50 mil creches. O Estado não tem dinheiro para fazer nem competência para gerenciar isso. Imagine contratarmos gente para trabalhar em 50 mil creches. A minha proposta é mais simples e dentro do mercado: garantir licença remunerada para toda mulher, trabalhadora ou desempregada, para que ela crie os filhos até cinco anos. Cristovam Buarque, entrevista a **IstoÉ**, na revista que está nas bancas nesta semana.

ISTOÉ – Mas isso é distribuir renda e na sua tese o problema não está na concentração de renda?

Cristovam – Isso é distribuir renda, mas o que vai tirar da pobreza não é a distribuição de renda e sim o aumento da oferta dos bens e serviços essenciais. Quando, se paga uma bolsa-escola a uma mãe, distribui-se renda, mas o que vai tirá-la da pobreza é o filho dela terminar o 2º grau. A distribuição da renda é meio. Nós temos que sair da armadilha da economia. Precisamos distribuir renda, mas antes temos que erradicar a pobreza. A distribuição de renda é difícil de fazer politicamente, provoca desequilíbrios no aparelho produtivo, que é feito para um modelo concentrador e ao mesmo tempo não será suficiente para tirar todos da pobreza. A bolsa-escola quase nada resolve pelo que paga, mas resolve quase tudo pela escola. Isso é ruptura no pensamento tradicional da esquerda e da direita.

Guerra atômica

“Fizeram até o cálculo. Serão de quatro a 13 milhões de mortos. Mortos imediatos... Se impressiona a iminência real de uma guerra nuclear entre a Índia e o Paquistão, mais impressionante ainda é que a notícia ocupou o quinto lugar num telejornal e o sétimo noutro. A guerra atômica não é mais um tabu” – Adriano Sofri, jornalista italiano, no jornal **La Repubblica** 7-6-02.

O homem moderno

“A imaturidade e o infantilismo são as categorias mais eficazes para definir o homem moderno” – Paul Virilio, **Ce qui arrive**, Ed. Galilée, Paris, 2002, citando Witold Gombrowicz, p. 12.

“Após milênios, não tanto de um humanismo mas de um antropocentrismo (greco-latino e judeu-cristão), prepara-se um grande cisma, cujo início nós estamos vivendo” – Paul Virilio, **Ce qui arrive**, Ed. Galilée, Paris, 2002, p. 16.

Sociedade Escópica

“A sociedade contemporânea é dominada pelo olhar. Ele é onividente sob variadas formas: desde a proliferação dos programas televisivos de voyeurismo e exibicionismo explícitos até a generalização da vigilância que multiplica as câmeras encontradas em nossos passos todos os dias. Vivemos, hoje, numa sociedade escópica que conjuga o *show business* e o olho que vigia e pune, materializando o espetáculo com a disciplina e o controle. Essa sociedade comandada pelo capitalismo faz comércio do gozo do ver e do ser visto, e

transforma em moeda desde o prazer da exibição até a vigilância do poder” - Antônio Quinet, psicanalista, autor do livro *Um olhar a mais: ver e ser visto em psicanálise*, Jorge Zahar Editor, recém lançado, em entrevista ao **Jornal do Brasil**, 8-6-02.

“Ao excesso de gozo comandado pela sociedade com o imperativo de exibição, de ideal de transparência e de *bigbrotherização* da vida, a psicanálise pode opor uma ética do recato, do pudor e da vergonha. Contra a globalização do olho do poder, o direito ao privado e ao secreto. Contra a moral sádica do gozo capitalista que faz da pulsão escópica mercadoria, uma ética em que o olhar é causa do desejo e a falta constitutiva: não se pode ver tudo e muito menos mostrar tudo” – id.

Comunicações da Coordenação

Homenagem a

José Lutzenberger

No dia 5 de junho, dia Mundial da Ecologia, a coordenação do IHU convidou para uma reunião o prof. Henrique Carlos Fensterseifer, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, o prof. Dr. Anderson Orestes Cavalcante Lobato, coordenador de Pesquisa do Centro de Ciências Jurídicas, o jornalista Alden Bourscheit, assessor de Imprensa da Associação Brasileira das Entidades Estaduais do Meio Ambiente, para estudar a possibilidade de celebrar a vida e a obra de José Lutzenberger .

Na reunião, foi constituído um grupo de trabalho, coordenado pelo prof. Laurício Neuman, coordenador do Setor 1, Ética, Cultura e Cidadania, do IHU. Foram definidos dois eventos.

Rio +10

O primeiro, no dia 8 de agosto de 2002, tendo como tema a reunião Rio + 10, cúpula da ONU sobre ambiente e desenvolvimento sustentável, a ser realizada de 26 de agosto a 4 de setembro em Johannesburgo, África do Sul.

O segundo, de maior fôlego, será realizado de 4 a 7 de novembro de 2002. Este evento constará de uma exposição de material referente à vida e à obra de José Lutzenberger e da apresentação de uma série de materiais referentes a projetos de pesquisa ambiental realizados pelo Centro 6, palestras e outras iniciativas. Sobre estes eventos o IHU On-Line dará, oportunamente, mais detalhes.

Página do IHU

No dia 5 de junho, a coordenação do IHU se reuniu com a equipe de coordenação para ultimar os preparativos do sítio do IHU. Este deverá ser lançado, provavelmente, durante o Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, de 25 a 27 de junho de 2002.

A Ação Sócio-transformadora da Igreja no RS

Nos dias 7 e 8 de junho, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou a 25a Assembléia do Conselho Regional de Pastoral – Corepal 2002. Participaram do evento os bispos do RS, coordenadores de pastoral das dioceses, representantes dos Organismos e Pastorais do Regional Sul 3, D. Jayme Chemello, presidente da CNBB. Ao todo, 130 pessoas estiveram presentes nesta assembléia que teve como tema central **A Ação Sócio-transformadora da Igreja no RS**.

Saúde do Prof. José Jacinto Lara

A coordenação do IHU deseja os melhores votos de imediata e pronta recuperação da saúde do prof. José Jacinto Lara, nosso companheiro do Setor 3, Religiões, Teologia e Pastoral.

Eventos IHU

IHU Idéias

IMAGENS FEMININAS: CONTRADIÇÕES, AMBIVALENCIAS, VIOLÊNCIAS. REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RS

No dia 13 de junho, das 17h30min às 19h, na sala 1C103, no evento *IHU Idéias* a Profª Dra. Cleci Eulalia Favaro estará realizando o lançamento do livro *Contradições, ambivalências, violências: mulheres na região colonial italiana do RS*. EDIPUC/RS Coleção Nova Et Vetera 3. A professora Cleci é graduada em Música (Piano) e em História, pela Universidade de Caxias do Sul, UCS. Especialista em História Contemporânea, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Mestre em História da Cultura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, e Doutora em História do Brasil também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. O livro a ser lançado é sua tese de doutorado. Na oportunidade, serão expostos cinco painéis, que ilustram cada capítulo do livro, intitulados *Ousadias*, feitos por Marilli Boni Licht. O evento concluirá com um ‘vinho de honra’ oferecido pela profª. Cleci.

A ARTE DE AMAR A CIÊNCIA

No dia 6 de junho, o Prof. Fernando Jacques Althoff apresentou o livro *A Arte de Amar a Ciência*, de Pascal Nouvel, traduzido pelo próprio Althoff e publicado na Coleção Focus da Editora Unisinos. Estudantes e professores de diversos cursos assistiram à exposição e participaram de animado debate provocado fundamentalmente pela aproximação que o autor do livro, P. Nouvel, realiza entre o cientista e o artista.



Ecos do evento

“Eu achei este encontro extremamente necessário, porque é uma das melhores formas de divulgar as idéias de um livro, através do contato humano e do debate direto”.

Cristiano Daniele
Graduando do Curso de Geologia-UNISINOS

“Foi muito bom. Hoje nós paramos para pensar coisas que não discutimos no nosso dia-a-dia, mas que são fundamentais na nossa vida de cientistas e perpassam todo nosso trabalho”.

Prof. Ernesto Lavina
Coordenador do PPG Geologia.

Gostei demais. O tema é ótimo. Temos muita necessidade de novos caminhos, novas idéias que tenham em conta o ser humano como um todo. Este espaço do IHU Idéias ajuda muito nesse sentido.

Patrícia Araújo Reis
Graduanda do Curso de Biologia-UNISINOS



Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade. Por uma ética na economia e na política do Brasil

A 15 dias do Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade. Por uma ética na economia e na política do Brasil, o IHU, por meio da Assessoria de Imprensa da Universidade, está prevendo uma grande divulgação para as próximas duas semanas. Artigos dos conferencistas do evento serão publicados em jornais da região metropolitana. Os organizadores do Simpósio darão entrevistas em rádio e televisão. Sairão notícias em diversas páginas na internet em todo o País e no exterior. Apresentamos a seguir outra das instituições parceiras neste evento. Trata-se do CEPAT, Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores.

O Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT é uma organização de caráter público, não governamental, constituída por leigos e jesuítas da Província Brasil Meridional. É uma organização sem fins lucrativos, apartidária e pluralista. O objetivo do CEPAT é contribuir na fundamentação de um novo arcabouço teórico para a construção de uma sociedade economicamente justa, ecologicamente sustentável, politicamente democrática, socialmente solidária e culturalmente plural. Realizamos esse trabalho por meio de elaboração de subsídios, cadernos de estudos, cursos, assessorias, promoção de debates e seminários.

EIXOS DE ATUAÇÃO DO CEPAT

São quatro os eixos ou áreas de trabalho do CEPAT

- 1 – A grande transformação no mundo do trabalho e a mudança ético-cultural
- 2 - Formação ético-política
- 3 - Mística e Espiritualidade
- 4 - Administração da Casa do Trabalhador.

ATIVIDADES

Boletim CEPAT Informa: Trata-se de uma publicação mensal, iniciada em abril de 1995. De circulação interna, o boletim visa a compartilhar reflexões sobre temas da atualidade no que tange à compreensão das mudanças estruturais – sóciopolíticas, econômicas e ético-

culturais – que estão ocorrendo no mundo, com especial atenção para as mudanças que acontecem no do trabalho. Com esta finalidade, reúne material da grande imprensa nacional e internacional, bem como material de produção própria.

Banco de dados: O CEPAT organiza um banco de dados relacionado aos temas de seu estudo e pesquisa. Alguns tópicos que compõem o banco de dados são: globalização, reestruturação produtiva, organismos mundiais, mercado de trabalho, fusões, dados sobre emprego/desemprego, as novas tecnologias, biotecnologia, meio-ambiente, jornada de trabalho, legislação social, ALCA, privatizações, economia solidária, cooperativismo, etc. O banco de dados armazena fundamentalmente artigos e opiniões sobre estes conteúdos e se encontra em construção.

Artigos e textos: A socialização de análises e reflexões feitas no Centro de Pesquisa também inclui a elaboração de artigos e textos. São materiais publicados em livros, revistas especializadas, jornais, boletins ou utilizados como subsídios para estudos e debates.

Seminários, debates e assessorias: Temas que instigam uma (re)leitura do mundo atual, ao mesmo tempo que introduzem novos paradigmas para a reflexão e ousam repensar a atual organização social, criticam a nova ordem econômica mundial e desafiam nossa imaginação para forjar uma nova sociedade, têm sido objeto de debates e seminários promovidos pelo CEPAT. Ao mesmo tempo, contribuimos com assessorias relacionadas a temáticas conjunturais.

Formação ético-política: A principal atividade que desenvolvemos nessa área é a Escola de Formação Fé e Política – uma parceria com a CNBB - Regional Sul II. De experiência pioneira, a Escola passou a ser uma importante referência para a inspiração de outras iniciativas em diferentes partes do Brasil.

Pesquisas: Vinculadas ao estudo acadêmico (curso de pós-graduação), desenvolvemos atualmente duas pesquisas. Uma sobre a obra de André Gorz (pensador francês que propõe a ‘superação da sociedade salarial’ e uma reapropriação da noção de trabalho no sentido antropológico e filosófico), e a outra, um estudo de caso sobre as relações de trabalho na INEPAR (uma empresa paranaense que inovou em seus programas e métodos de trabalho).

EQUIPE TÉCNICA:

César Sanson – Formado em Filosofia, com especialização em Economia do Trabalho pela Universidade Federal do Paraná - UFPR e mestrando na mesma universidade, na área de concentração de Sociologia das Organizações.

André Langer – Formado em Filosofia e Teologia e mestrando em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (São Leopoldo – RS).

Inácio Neutzling – Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UNISINOS (São Leopoldo – RS). Formado em Filosofia e Teologia. Mestre pela Universidade Pontifícia do Rio de Janeiro - PUC-RJ e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Encontra-se atualmente em São Leopoldo (RS), coordenando o Instituto Humanitas Unisinos (IHU), porém continua colaborando com as atividades do CEPAT.

O CEPAT fica na rua João Batista Gabardo, 151 - Sítio Cercado - 81900-310 - Curitiba – PR - Telefax – 0 xx 41 349 5343 E-mail: cepatinforma@onda.com.br



Nosso entrevistado relâmpago nesta edição é...

Mário Sündermann

O Pe. Mário Sündermann trabalha no Setor Religiões, Teologia e Pastoral. Formado em Filosofia, desde 1993 e em Teologia, desde 1999, Mário cursa atualmente Mestrado em Educação, na UNISINOS. Foi ordenado sacerdote em dezembro de 1999 e, desde aquele ano, Pe. Mário mora na Escola Santo Afonso, Comunidade Vocacional da Companhia, junto a sete vocacionados e dois irmãos jesuítas. Ingressou na UNISINOS em 2000 para ajudar na linha da Espiritualidade Inaciana, no meio universitário

Origens- Nasci em São João do Oeste, SC. Meus pais são de Santa Cruz do Sul e migraram para Santa Catarina. Eu sou o sexto de nove irmãos. Aos 15 anos, fui para o Seminário em Salvador do Sul.

Por que jesuíta? Eu queria ser padre. Para isso me deram duas opções: ser padre diocesano, em um seminário perto de onde eu morava, ou jesuíta, em Salvador do Sul. Como eu tinha parentes em Salvador do Sul, gostei da idéia e escolhi ser jesuíta. Depois, fui encontrando na Companhia uma formação que era tudo aquilo que eu queria. Achava que, para ser padre, precisava ter uma longa e boa formação, e fui achando isso na Companhia.

Autor- John Powell

Livro- *O Segredo do amor eterno*, de John Powell; *Em que crêem os que não crêem*, de Humberto Eco e Carlo Maria Martini e o livro *O Mestre dos Mestres*, da coleção *Análise da Inteligência Emocional de Cristo*, de Augusto Cury.

Filme- *A missão*, de Roland Joffé.

Nas horas livres- Visitar os amigos.

Uma grande paixão- A vida

Um presente- Doces

Um referencial- Inácio de Loyola, pela capacidade de responder aos desafios de seu tempo. Minha mãe, pela sua fidelidade e entusiasmo pela vida e criatividade no meio dos desafios.

UNISINOS- Um espaço onde se constrói o saber e se busca promover a vida.

IHU- Um lugar privilegiado de se conhecer e viver o credo da Universidade.

Pastoral dos alunos- Uma busca de partilhar com os estudantes a fé e a vida.

Ser padre- Um jeito de amar e servir

Formador- Contribuir na gestação da identidade jesuítica dos futuros companheiros. É algo muito bonito. Por um lado queremos conhecê-los, e por outro, eles querem nos conhecer.

INTERATIVO

Prezados amigos,

Estou me deliciando com o informativo de vocês, especialmente porque conheci e convivi pessoalmente com o Pe. Vaz, aliás meu ídolo desde minha infância. Não conheci na vida pessoa tão inteligente e tão humilde e prestativa. A homenagem de vocês é a mais completa que tive acesso. Parabéns. Como um todo estou ficando fã de vocês, pela excelência da publicação que estou recebendo. Espero poder aproveitá-la em minhas aulas. Um grande abraço,

Prof. José Afonso de Oliveira.

Amigos do IHU *On, Line*

Parabéns pela publicação e as grandes idéias se constituem em enormes resultados. Nos satisfazemos com o trabalho de alcançá-los. Sucesso.

Prof. Alvaro Fraga Moreira Benevenuto Jr.

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão.
Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a
humanitas@poa.unisinos.br